



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

ANA PAULA AUGUSTA DE OLIVEIRA SANTANA

**A Migração e suas Consequências para a Expansão Urbana do Distrito
Federal**

Brasília – DF

2012

ANA PAULA AUGUSTA DE OLIVEIRA SANTANA

**A Migração e suas Consequências para a Expansão Urbana do Distrito
Federal**

Monografia de Graduação em Ensino de Geografia apresentada ao Departamento de Geografia da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Geografia.

Professor Orientador(a): Dra.Ruth Elias de Paula Laranja

Brasília-DF

2012

ANA PAULA AUGUSTA DE OLIVEIRA SANTANA

**A Migração e suas Consequências para a Expansão Urbana do Distrito
Federal**

MONOGRAFIA DE TRABALHO FINAL EM GEOGRAFIA II SUBMETIDA AO DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA DO INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, COMO PARTE DOS REQUISITOS NECESSÁRIOS PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE LICENCIADO EM GEOGRAFIA.

Data da Aprovação: _____ de _____ de _____

BANCA EXAMINADORA

Professora Doutora Ruth Elias de Paula Laranja - Orientadora
Universidade de Brasília – UnB – Departamento de Geografia

Professor (a) Doutor Marília Peluso- Examinador
Universidade de Brasília – UnB – Departamento de Geografia

Professor (a) Doutor Ana Cláudia Rodrigues - Examinador
Universidade de Brasília – UnB – Departamento de Geografia

Brasília-DF

2012

FICHA CATALOGRÁFICA

SANTANA, Ana Paula Augusta de Oliveira. A Migração e as Consequências para a Expansão Urbana do Distrito Federal. 40 p. (GEA – IH – UnB, Licenciado. Geografia, 2012). Monografia de Trabalho Final em Geografia II. Universidade de Brasília. Instituto de Ciências. Departamento de Geografia.

1- Contexto Histórico

2- Motivação para a Construção

3-Fluxos Migratórios

4-Desigualdades

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

SANTANA, Ana Paula Augusta de Oliveira.A Migração e as Consequências para a Expansão Urbana no Distrito Federal. Monografia (Licenciatura) – Universidade de Brasília. Instituto de Ciências. Departamento de Geografia, 2012, 40 p.

AUTORIA: Ana Paula Augusta de Oliveira Santana

TÍTULO:A Migração e as Consequências para a Expansão Urbana do Distrito Federal

GRAU – ANO: Licenciado em Geografia – 2012.

Qualquer parte dessa monografia pode ser reproduzida, desde que citada à fonte.

RESUMO

O imenso processo de ocupação urbana do Distrito Federal foi iniciado há pouco mais de quarenta anos. A cidade é relativamente nova, mas enfrenta problemas com a mesma dimensão de qualquer outra metrópole brasileira. Compreender este e outros fatos ocorridos no contexto nacional e relacionar ao processo de urbanização da Capital Federal, é o principal objetivo dessa pesquisa. Brasília foi imaginada para abrigar uma população de aproximadamente quinhentas mil pessoas, hoje podemos dizer que já ultrapassa os dois milhões de habitantes. No início, para garantir que tudo isso ocorresse em Brasília, surgiram às cidades-satélites, distantes do grande centro administrativo e com a finalidade de abrigar os trabalhadores pioneiros no processo de construção da nova capital federal. Nesse processo, um de seus principais objetivos não se realizou que era o de reduzir as desigualdades sócio espaciais. A transferência da população para locais distantes do Plano-Piloto, centro defensor das oportunidades de trabalho, configurou uma contínua exclusão sócio espacial. Acreditava-se que Brasília, no ano 2000, teria menos de meio milhão de habitantes. Não existiriam cidades-satélites, nem “entornos”, e proporcionaria a integração social dos seus moradores nas famosas superquadras, onde diretores e contínuos, funcionários e motoristas, ministros e ascensoristas conviveriam harmonicamente. Entre a utopia que norteou a sua construção e os dias de hoje, em que Brasília já mostra sinais evidentes de caos urbano, a distância se explica pelas próprias características do processo social brasileiro.

Palavras-Chave: Contexto Histórico, Motivação para a Construção, Fluxos Migratórios, Desigualdades.

ABSTRACT

The immense process of urban occupation of the Federal District was started a little over forty years. The city is relatively new, but faces problems with the same size as any other Brazilian metropolis. Understand this and other occurring in the national context and report to the process of urbanization of the Federal Capital, is the main objective of this research. Brasília was designed to house a population of approximately half a million people. Earlier, ensuring that everything that happened in Brasília, satellite cities emerged, distant from large administrative center and in order to accommodate workers pioneered in the process of building the new federal capital. In this process, one of his main goals was not realized, which was to reduce social inequalities space. The change in the population, set up an ongoing socio-spatial exclusion. Believed to Brasília, in 2000, there would be less than half a million inhabitants. There would be no satellite cities or "environments", and would be socially inclusive, the famous superblocks, where directors, employees and drivers, ministers and elevator would live harmoniously. Among the utopia that guided its construction and today, Brasília already shows signs of urban chaos, noted clearly exclusionary forms of Brazilian society.

Keywords: Historical Context, Motivation for Construction, Migration Flows, Inequalities.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – População Rural e População Urbana no Brasil – Período 1940 a 2000

Figura 02 – Taxa de Urbanização Brasileira

Figura 03 – Fluxos Migratórios no Brasil entre as décadas de 1950 a 1980

Figura 04 – O Traçado de Brasília

Figura 05 – O Surgimento das Cidades- Satélites

Figura 06 – As Regiões Administrativas de Brasília

Figura 07 – O Plano- Piloto em uma visão via satélite

Figura 08 -O Aumento Populacional do Centro- Oeste Brasileiro

Figura 09 – O Início da Capital Federal

Figura 10 – Os Trabalhadores da Nova Capital

Figura 11 –Brasília no Espaço das Grandes Metrópoles Brasileiras

Figura 12 - Naturalidade

SUMÁRIO

Apresentação-----	01
Capítulo I	
1.1 A Urbanização e o Processo Migratório no Brasil-----	11
1.2 Principais Fluxos Migratórios Internos no Brasil Durante o Século XX-----	13
Capítulo II	
2.1 Os contrastes da urbanização no Distrito Federal-----	15
2.2 Os sonhos dos idealizadores da Nova Capital e a força da migração-----	17
2.3 Brasília: Atração e repulsão, tendência das grandes Capitais-----	22
Capítulo III –Metodologia-----	25
Capítulo IV- Resultados e Discussão	
4.1. A Contribuição do processo migratório no crescimento urbano de Brasília no período de 1950 a 1980-----	26
4.2. O Futuro do Distrito Federal-----	28
Capítulo V- Considerações Finais-----	30
Referência Bibliográfica-----	3

Apresentação

Brasília é hoje uma grande metrópole nacional. Sua construção fundamentou-se, nos idos de sua idealização, em quatro objetivos principais: assegurar a soberania nacional, manter o status quo, estabelecer maior distribuição de renda e principalmente reduzir as desigualdades sócio espaciais.

Os célebres idealizadores da nova capital não suspeitavam que Brasília e seus arredores, passados cinquenta e dois anos de sua inauguração, se transformaria em uma metrópole em tão pouco tempo, condição hoje de sua estrutura, complexidade funcional e sua massa populacional.

Segundo Marcos de Carvalho:

[...] Assim até mesmo Brasília, se vista em conjunto com as cidades- satélites, acaba apresentando uma lógica de funcionamento e construção de paisagens semelhantes à que orienta qualquer um dos importantes e grandes núcleos urbanos do país. Na verdade, essa lógica está presente em cidades de qualquer porte, e não só nas grandes, pois em todas elas os habitantes exercem diferentes funções e trabalhos e submetem a vários processos de segregação territorial e social. Esse fenômeno é percebido de maneira mais nítida nas paisagens dos grandes aglomerados urbanos, devido à quantidade de serviços que oferecem, aos vários setores produtivos que abrigam e às grandes populações que neles concentram.

Brasília foi imaginada para abrigar uma população de aproximadamente quinhentas mil pessoas, hoje podemos dizer que já ultrapassa os dois milhões de habitantes.

No início, para garantir que tudo isso ocorresse em Brasília, surgiram às cidades-satélites, distantes do grande centro administrativo e com a finalidade de abrigar os trabalhadores pioneiros no processo de construção da nova capital federal. Nesse processo, um de seus principais objetivos não se realizou que era o de reduzir as desigualdades sócio espaciais. A transferência da população para locais distantes do Plano-Piloto, centro defensor das oportunidades de trabalho, configurou uma contínua exclusão sócio espacial.

Mesmo antes da construção de Brasília já existiam alguns pequenos núcleos de povoamento na área que atualmente corresponde ao Distrito Federal. Porém, as obras de construção da capital atraíram milhares de trabalhadores de todas as partes do país, principalmente do Nordeste, e também de outros estados, como Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro. Dessa forma, o Distrito Federal teve um crescimento demográfico muito intenso, sendo que muitos desses migrantes tiveram que se estabelecer em áreas periféricas ou nos antigos núcleos de povoamento. Essas aglomerações deram origem às chamadas cidades-satélites, isto é, centros urbanos que se localizam no Distrito Federal, mas não fazem parte do Plano – Piloto. O grande aumento das cidades-satélites gerou um crescimento urbano desordenado, com o surgimento de favelas e bairros carentes de infraestrutura.

Essa pesquisa analisa a transformação do espaço geográfico de Brasília desde sua construção até os dias de hoje, ressaltando relevantes problemas sociais, ocasionados pela forte migração e que é objeto de estudo da geografia juntamente com os processos que apontam para as desigualdades sócio espaciais, amplamente discutidas e analisadas em um contexto globalizado.

Para Inez Costa (2007):

Os objetos que estão no espaço são espaciais porque têm extensão, ocupam lugar, são também sociais porque guardam uma energia que os sustenta naquele lugar e com uma determinada função. Não estão por acaso nesse lugar.

Para tanto esta pesquisa pretende discutir algumas categorias como o espaço urbano e as transformações decorridas ao longo dos anos e a composição do objeto de estudo da geografia que é o espaço e suas transformações no contexto que envolve o desenvolvimento de Brasília. Ressaltamos que as categorias, embora teóricas e de base científica, têm uma função importante na produção e na transmissão do conhecimento. Elas têm o papel de ordenar os fatos que observamos na realidade e nos permitem tornar a realidade compreensível. FERREIRA (2007).

Nesse sentido cabe questionarmos como a migração contribuiu para o crescimento urbano e a transformação de Brasília em uma metrópole.

Objetivos

Objetivo geral: Analisar a contribuição do processo migratório na formação do espaço urbano de Brasília.

Objetivos Específicos:

- Pesquisar de que forma a construção de Brasília influenciou a delimitação do espaço geográfico de seu entorno.
- Analisar a produção do espaço urbano de Brasília dentro do contexto histórico no período de 1950 a 1980.
- Compreender a dinâmica dos fluxos migratórios no desenvolvimento regional.

Referencial Teórico

Capítulo I

1.1A Urbanização e o Processo Migratório no Brasil

O espaço geográfico pode ser tomado como principal objeto de análise associado à transformação ou não, para interação ou não do homem com o meio em que vive e a sociedade.

Para Santos(1996) uma definição de espaço para a geografia:

O espaço é formado, de um lado, pelo resultado material acumulado das ações humanas através do tempo, e de outro lado, animado pelas ações atuais que hoje lhe atribuem um dinamismo e uma funcionalidade.

No espaço geográfico está o homem e a produção de todos os elementos sociais abrigando ainda todos os elementos naturais.

Assim a Geografia preocupa-se em compreender de que maneira e por quais motivos a sociedade transforma o espaço terrestre em espaço geográfico. Da mesma forma, procura entender como os diversos processos e fenômenos naturais modificam as paisagens e de que maneira podem interferir nas atividades humanas. BOLIGIAN (2001:18).

Assim para uma melhor compreensão do contexto que envolveu a criação, no Centro do Planalto Central do Brasil, da capital federal precisamos analisar as raízes da urbanização brasileira.

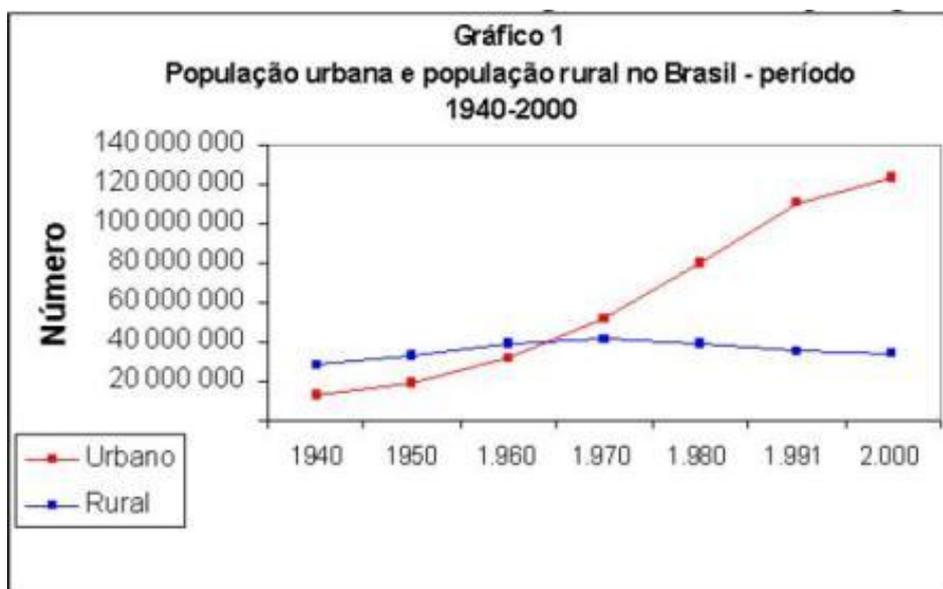
Nesse sentido a urbanização ganhou impulso somente após a década de 1930, quando se acelerou o processo de industrialização no Brasil. O desenvolvimento da atividade industrial passou a atrair milhares de trabalhadores do campo para as cidades, onde foram ocupar os postos de trabalho gerados pelas fábricas e pelo setor terciário.

A partir das décadas de 1940 e 1950, quando começaram a serem instaladas as indústrias de base no país, como as siderúrgicas e petroquímicas, a industrialização

tornou-se mais intensa, sobretudo na região Sudeste. Tal fato aumentou ainda mais a oferta de trabalho nas fábricas, atraindo um número cada vez maior de migrantes.

Além da influência da industrialização, a migração do campo para as cidades também ocorreu devido à mecanização das lavouras e o aumento da concentração fundiária, o que eliminou milhares de postos de trabalho na área rural. Esses fatores intensificaram o processo de urbanização no Brasil, levando a população urbana a crescer em um ritmo maior que o da população rural, tanto em decorrência da migração campo-cidade como pelo próprio crescimento natural da população urbana. Atualmente a maioria da população brasileira, cerca de 80%, vive em cidades. Assim demonstra o gráfico do IBGE:

Figura: 01



Anuário Estatístico do Brasil. Rio de Janeiro, IBGE, 1998. Censo Demográfico 2000. Rio de Janeiro, IBGE, 2001.

Figura: 02



Anuário Estatístico do Brasil. Rio de Janeiro, IBGE, 1998. Censo Demográfico 2000. Rio de Janeiro, IBGE, 2001.

1.2 Principais Fluxos Migratórios Internos no Brasil Durante o Século XX

As migrações internas ocorrem quando os deslocamentos populacionais se realizam dentro de um mesmo país. Esse tipo de migração não altera o total da população, ou seja, não aumenta nem diminui o número de habitantes do país. Contudo, de acordo com estatísticas do IBGE (1998), cerca de 40% dos brasileiros residem fora dos municípios em que nasceram. Esse número indica a ocorrência de grandes fluxos migratórios no país, sobretudo a partir da década de 1950.

Assim Regina define esses fluxos;

Fluxos migratórios do Nordeste para os grandes centros urbanos do Sudeste, mais intensamente após a década de 1950, sobretudo em direção ao estado de São Paulo.

Fluxos migratórios do Nordeste para a Amazônia em direção às novas áreas agrícolas e aos garimpos, após a década de 1960.

Fluxos migratórios do Nordeste para o Centro-Oeste, entre as décadas de 1960 e 1970, principalmente devido à construção de Brasília.

Fluxos migratórios dos estados do Sul, além de São Paulo e Minas Gerais, para o Centro-Oeste e o Norte, especialmente a partir da década de 1970, com a expansão das áreas de colonização agrícola na Amazônia.

Figura: 03- Fluxos Migratórios no Brasil entre as décadas de 1950 a 1980



FONTE: SANTOS, Regina Begu. *Migrações no Brasil*.
São Paulo: Scipione, 1994.

De maneira generalizada, as migrações no Brasil ocorreram devido a fatores econômicos, isto é, os migrantes direcionam-se para lugares onde almejam encontrar melhores condições de trabalho e de vida.

Capítulo II

2.1 Os contrastes da urbanização no Distrito Federal

O imenso processo de ocupação urbana do Distrito Federal foi iniciado há pouco mais de quarenta anos. A cidade é relativamente nova, mas enfrenta problemas com a mesma dimensão de qualquer outra metrópole brasileira. Compreender este e outros fatos ocorridos no contexto nacional e relacionar ao processo de urbanização da Capital Federal, é o objetivo deste subitem.

Nesse sentido, é imperativa a demarcação dos anos 1930, como importantes na expansão e no desenvolvimento industrial do País e, as décadas seguintes, com a implantação de infraestrutura que lançou as bases do processo de urbanização no Brasil. Houve grande preocupação em integrar o país e desenvolver um mercado interno nacional, menos regionalizado. MARCOS (2006:54).

Entre as muitas consequências do modelo de urbanização brasileiro, a mais expressiva foi o crescimento rápido das regiões metropolitanas. Essas cidades, em face de sua importância econômica nacional e regional, passam a concentrar a geração de postos de trabalho e, conseqüentemente, constituem-se em áreas receptoras de intensos movimentos migratórios. Esse crescimento populacional demandava espaços para reprodução, sobretudo para a moradia desses contingentes. Assim, as metrópoles acabaram, pelo processo de conurbação, incorporando suas áreas rurais, expandindo suas manchas urbanas em direção aos municípios limítrofes; estava colocado de pé o espaço periférico metropolitano. DIAMANTINO (2006:5).

No Brasil pós-industrialização, as migrações internas reproduzem processos complexos, com mudanças sucessivas das áreas de atração e da natureza dos fluxos, que vão se transformando de rural-urbano para urbano-urbano. Os movimentos migratórios internos tomaram para si características diferenciadas, relacionadas às diversas fases do processo de desenvolvimento brasileiro. No período 1940-1980, eles foram fomentados por fortes desequilíbrios regionais e estruturaram-se para atender às necessidades de transferência regional do excedente de força de trabalho, cumprindo importante papel

como mecanismo de integração social e cultural do território nacional (PACHECO; PATARRA, 1997).

A configuração sócio espacial resultante deste processo de estruturação espacial, marcada pela formação de extensas periferias desassistidas social e economicamente, evidencia de forma indiscutível as desigualdades sociais entre segmentos populacionais do espaço intra-urbano presentes no processo de desenvolvimento nacional. Essas desigualdades são agravadas pela intensificação dos deslocamentos populacionais intra-urbanos, representados pelos fluxos migratórios intrametropolitanos em direção à periferia regional. Além disso, elas revelam a existência de uma relação de causalidade entre esses fluxos e a intensificação dos movimentos pendulares. CAIADO(2005).

Assim Paviani (1989) considera que:

Mesmo antes de o governo JK ter iniciado as obras de Brasília, havia um ideário para o Centro-Oeste no bojo da “Marcha para o Oeste” do governo Vargas. Nesse sentido, Brasília demarcou um tempo inicial para a efetiva “marcha para o Oeste”, pois no Plano de Metas de JK diversos projetos dinamizaram a região, possibilitando a efetiva implantação da Capital. Entre estes projetos citam-se: ampliação da malha rodoviária, implantação de hidrelétricas, novos aeroportos, indústria naval e, logicamente, construção e transferência da Capital em pouco mais de três anos.

No caso da metrópole formada por Brasília e municípios goianos e mineiros localizados no entorno, os efeitos dessa configuração socioespacial foram definidos no âmbito do processo de exclusão e segregação espacial da população que marcou a ocupação territorial. No período de construção e implantação, como também no período de consolidação urbana da nova capital, o Estado foi o grande promotor da ocupação do solo, atuando como planejador, construtor e financiador da ocupação, e também como grande proprietário de terras. Tornou-se, assim, o principal agente do processo de urbanização da região, o que diferencia a ocupação em relação às demais cidades brasileiras em alguns aspectos da gestão do solo urbano. CAIADO (2005).

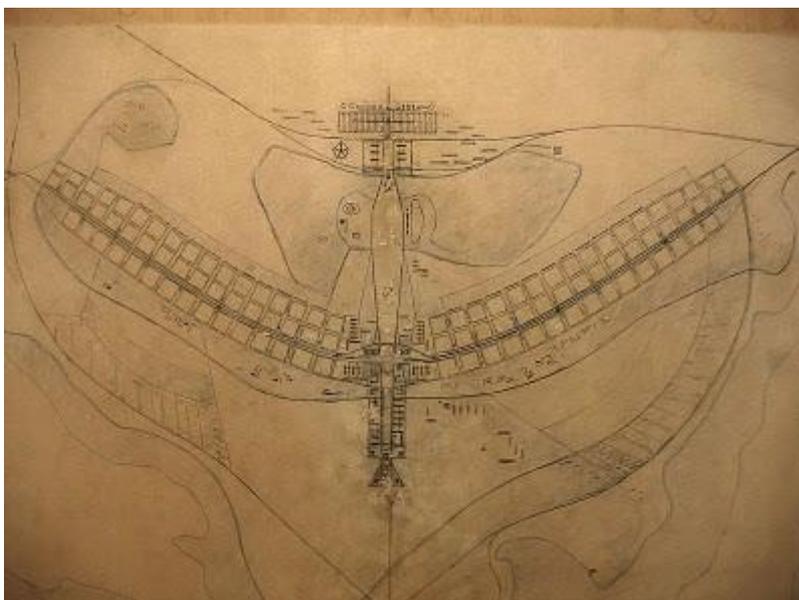
Marcos Carvalho (2006) ressalta que:

Brasília é um dos raros exemplos. Fundada em 1960, a partir de um plano elaborado pelo arquiteto Lúcio Costa e dos projetos de edificações de

Oscar Niemeyer, até hoje mantém basicamente a mesma estrutura que foi pensada e proposta originalmente. Mas isso só tem sido possível graças a um rígido esquema de zoneamento urbano, que controla os locais para a instalação de atividades produtivas e quaisquer outros empreendimentos, associado a um processo de segregação de boa parte da população trabalhadora nas chamadas cidades- satélites, que cresceram ao redor de Brasília.

2.2 Os sonhos dos idealizadores da Nova Capital e a Força da Migração

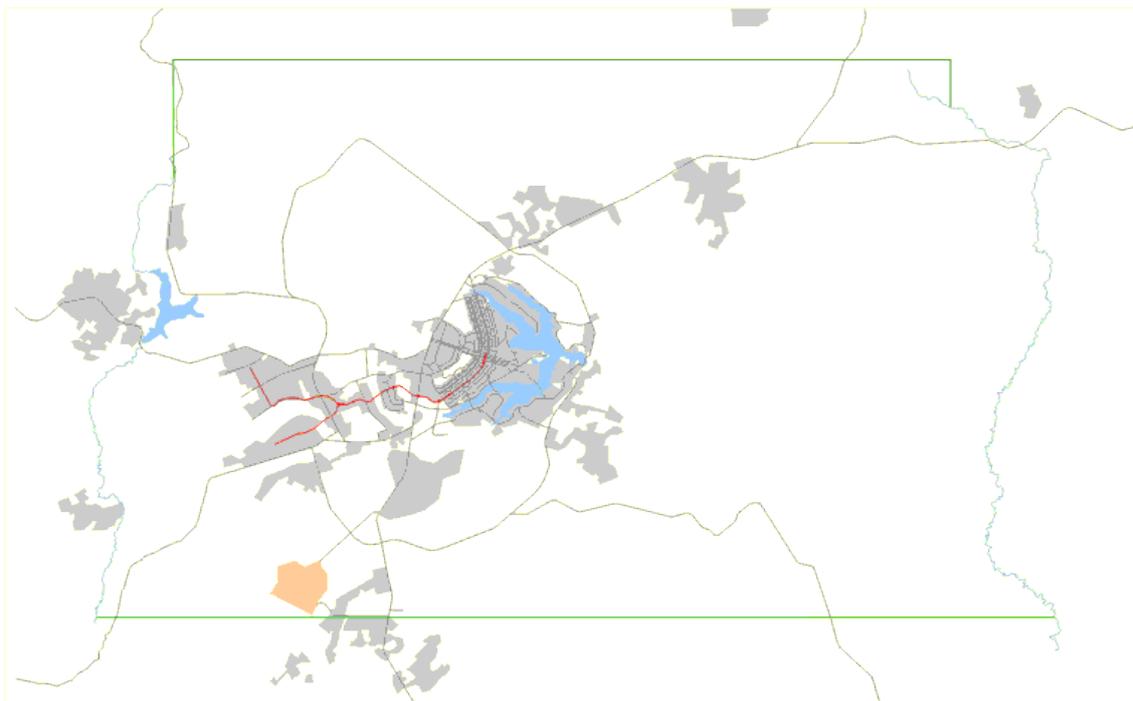
Figura: 04- O Traçado de Brasília



Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal

Desde o início do governo do presidente Juscelino Kubitschek (1956) até a sua inauguração (1960), Brasília, recebeu milhares de brasileiros, principalmente nordestinos, chegaram para trabalhar nas obras da grande capital federal. A transferência da sede do governo também deslocou milhares de funcionários públicos federais, até então, instalados na cidade do Rio de Janeiro. Além dos migrantes do nordeste e do Rio de Janeiro, pessoas de todo o Brasil foram atraídas para o novo Distrito Federal, no centro do estado de Goiás e suas imediações produzindo conseqüentemente novos espaços geográficos.

Figura: 05 – O Surgimento das Cidades- Satélites



Fonte: doc.brazilia.jor.br

Em Brasília, surgiram às cidades-satélites, distantes do grande centro administrativo e com a finalidade de abrigar os trabalhadores pioneiros no processo de construção da Nova Capital Federal. Nesse processo um de seus principais objetivos não se realizou que era de reduzir as desigualdades sócio espaciais. A transferência da população para locais distantes do Plano-Piloto, centro defensor das oportunidades de trabalho, configurou uma contínua exclusão sócio espacial.

Figura: 06 – As Regiões Administrativas de Brasília



Foi Milton Santos quem melhor reconheceu o trinômio que envolvia Brasília: sua construção, por “vontade criadora”; a “dualidade” sócio espacial e o “subdesenvolvimento” que discorre sobre a Capital. Essas análises foram assim desenvolvidas por Milton Santos:

(...) O subdesenvolvimento comparece como um elemento de oposição, diante daquela “vontade criadora”, modificando os resultados esperados. Reduz as possibilidades de uma rápida construção da cidade; refletindo-se sobre as atividades principais, explica as demais funções, o quadro, a fisionomia atual, a estrutura e os problemas; e é o responsável pela “dualidade” de Brasília, que tanto a aproxima das demais capitais latino-americanas. Vontade criadora e subdesenvolvimento do país são, pois, os termos que se afrontam na realização efetiva de Brasília. É da sua confrontação que a cidade retira os elementos de sua definição atual”.

Os célebres idealizadores da nova capital não suspeitavam que Brasília e seus arredores passados cinquenta e dois anos de sua inauguração se transformariam em uma metrópole em tão pouco tempo, condição hoje de sua estrutura, complexidade funcional e sua massa populacional. Brasília foi imaginada para abrigar uma população de aproximadamente quinhentas mil pessoas.

Os trabalhadores que participaram de sua construção em fins de 1956 vieram atraídos para os canteiros de obras por salários dobrados. Em 1957 houve um recenseamento feito pelo IBGE que já registrava uma população de 12.700 pessoas.

Antes de sua inauguração em 1960, a Capital Federal teve sua população multiplicada por 10, já eram 141.742 habitantes. Toda essa população que a princípio voltaria para seu estado de origem foi se acomodando nos arredores do Plano Piloto formando as chamadas “invasões”. Os estudos e as observações feitas em geografia demonstram que as populações com menores condições de renda se aglomeram em torno dos grandes centros pela proximidade do local de trabalho sem maiores custos.

Segundo Aldo Paviani (1999):

O fracasso do planejamento urbano se materializa nas dezenas de núcleos esparsos no território, denotando apartação e exclusão sócio-espacial. Em outras palavras, o intenso trabalho de mais de quatro décadas dos construtores urbanos não resultou em uma democrática apropriação social dos bens e serviços socialmente produzidos. As tensões sociais geram urbanização em constante conflito e crise. Não se trata o espaço em um contexto de totalidade, compreensivamente⁶. Ao contrário, a gestão incrementalista, ao atender uma dada clientela, paternalisticamente, exclui e desatende outros grupos, gerando contradições e controvérsias não esperadas para uma cidade que nasceu como modelo do urbanismo racionalista, depositária das esperanças do planejamento urbano. Ressalte-se ser esse não apenas um fracasso local ou regional, mas uma falência nos programas e projetos não levados a cabo com êxito no espaço nacional.

No processo de ocupação periférica surgem em princípio as Regiões Administrativas - RA de Taguatinga (1958), Sobradinho (1960), Gama (1960), Guará (1966) e Ceilândia (1970), gerando inicialmente núcleos específicos da estrutura urbana inicial da região. Esses núcleos, denominados *ciudades-satélites*, foram previstos no projeto urbanístico para serem colocados em prática a partir da saturação do limite populacional estabelecido para o Plano Piloto. A antecipação de sua implantação em áreas distantes do núcleo principal gerou grandes vazios urbanos e deu início ao processo de ocupação gerenciado pela atuação pública com clara divisão social do espaço urbano. A característicasoco espacial resultante desse processo concentra a

população de renda mais elevada e maior poder político em áreas mais centrais e privilegiadas em termos de empregos, infraestrutura básica e serviços sociais. Ao mesmo tempo, redistribui a população menos favorecida quanto a esses aspectos, constituindo uma ocupação periférica que se estende até os municípios limítrofes. Neles, as condições de acesso às áreas mais centrais são agravadas pelas grandes distâncias e pelas dificuldades relacionadas à eficiência do sistema de transporte (grandes vazios urbanos), implicando em intensos deslocamentos diários. CAIADO (2005).

Assim, mais do que o distância física, a reprodução do crescimento periférico gera o distanciamento social entre os segmentos populacionais que habitam os diferentes segmentos espaciais da estrutura intra-urbana.

Exclusão sentida e vista na Capital Federal, Plano- Piloto possui uma das maiores rendas per capita do país, se não a maior, e em seus arredores, cidades-satélites e “entorno”¹, sobrevivendo às margens de toda essa riqueza.

Segundo Aldo Paviani (1999):

O fracasso do planejamento urbano se materializa nas dezenas de núcleos esparsos no território, denotando apartação e exclusão sócio-espacial. Em outras palavras, o intenso trabalho de mais de quatro décadas dos construtores urbanos não resultou em uma democrática apropriação social dos bens e serviços socialmente produzidos. As tensões sociais geram urbanização em constante conflito e crise. Não se trata o espaço em um contexto de totalidade, compreensivamente. Ao contrário, a gestão incrementalista, ao atender uma dada clientela, paternalisticamente, exclui e desatende outros grupos, gerando contradições e controvérsias não esperadas para uma cidade que nasceu como modelo do urbanismo racionalista, depositária das esperanças do planejamento urbano. Ressalte-se ser esse não apenas um fracasso local ou regional, mas uma falência nos programas e projetos não levados a cabo com êxito no espaço nacional.

¹Entorno, municípios dos estados de Goiás e Minas Gerais, que fazem divisa com o DF. No centro do território está a área mais densa, composta pelo Distrito Federal, detentor de 69% da população e seus municípios limítrofes. Há uma grande área conurbada na direção sul [BR-040](#), incluindo-se nessa região os municípios de [Valparaíso de Goiás](#), [Cidade Ocidental](#), [Novo Gama](#) e [Luziânia](#) que representam 12,3% da população da **RIDE-DF e Entorno**. Outros municípios que podem-se também considerar como área metropolitana de Brasília são: [Águas Lindas de Goiás](#) (margens da [BR-070](#)), [Formosa](#) (margens da [BR-020](#)), Planaltina ([BR-010](#)), Santo Antônio do Descoberto ([BR-060](#)). Esses municípios somam uma população de aproximadamente 3,7 milhões de pessoas. http://pt.wikipedia.org/wiki/Regi%C3%A3o_Integrada_de_Desenvolvimento_do_Distrito_Federal_e_Entorno

Figura: 07 – O Plano- Piloto em uma visão via Satélite



Fonte: <http://planetadoalan.blogspot.com.br/2010/08/mapas-vs-fotografias-aereas.html>

Ari Cunha² assinala em seu artigo que:

Brasília começa a protestar e não entender as razões da expansão urbana. Até fazendas ligadas ao Distrito Federal estão na mira das invasões antes mesmo de terem produzido frutos. Há preocupação do governo do Distrito Federal em aumentar a área de construções, até mesmo às vizinhas dos lugares sagrados onde a água é abundante e deve ser conservada. Tanto no setor próximo à Água Mineral como em outros lugares. A criação de novos núcleos residenciais sem as obras de urbanismo vão sufocar a cidade.

2.3BRASÍLIA: Atração e repulsão, tendência das grandes capitais

²http://www.dzai.com.br/aricunha/blog/aricunha?tv_pos_id=29076, publicado em 22 de dezembro de 2008. O jornalista cearense é responsável por uma das mais antigas colunas da imprensa brasileira, a Visto, lido e ouvido, publicada desde 1960. “Tinha feito reforma em outro jornal dos Diários Associados e vim para cá organizar a equipe da TV Brasília e do jornal daqui. Quando vim assistir ao lançamento da pedra fundamental, logo vi que era um lugar para se morar, não somente para visitar”, conta. Ari mudou-se para o DF em 1959 com a família e, desde então, acompanha toda a trajetória do Correio.

Ao se distribuírem no espaço, as cidades formam uma rede urbana, ou seja, um conjunto de cidades que mantêm entre si relações comerciais, financeiras, industriais, culturais, políticas, mas sob o comando de uma cidade que possui o setor de prestação de serviços mais desenvolvido. À medida que uma cidade desenvolve e amplia a oferta de bens e serviços para atender às necessidades da população, cresce sua importância e sua influência sobre a região ou o espaço geográfico.

Segundo Adas (2002);

Com o avanço científico e tecnológico da Terceira Revolução Científica e Tecnológica, a articulação entre as cidades se estreitou de tal forma que hoje não existem mais lugares distantes. As cidades estão conectadas não só pelos meios de transporte rápidos, como os aviões, mas, sobretudo pelo que a evolução eletrônica permite, ou seja, telefonia, televisão a cabo, internet etc., criando, em consequência, o que o geógrafo Milton Santos chama de meio técnico-científico-informacional, que permite a unificação de todas as regiões e espaços geográficos mundiais.

Paviani (1989) analisa da seguinte forma, a partir do ano de 1985, imprimimos para Brasília o codinome de “Metrópole Terciária”, sob a verificação da sua posição de grande cidade, que possui uma rede de serviços diversificada e desenvolvida, exercendo influência sobre outras.

A base para que a denominássemos de metrópole estava no fato de que ela possuía: a) Significativa massa populacional. Em 1985, estimava-se que havia atingido a casa dos 1.500.000 habitantes, o que lhe conferia porte metropolitano, equiparando-se às demais metrópoles brasileiras; b) Complexidade funcional por ser sede do governo federal e por ter atraído considerável número de empresas comerciais, de serviços e algumas indústrias; c) Capacidade de interagir com cidades de um largo território à sua volta, delas atraindo populações em movimentos de *commuting* isto é, trabalhadores que se deslocam diariamente da periferia para a Capital e vice-versa. Adas (2002).

Famoso por ser o berço dos cargos públicos, o Distrito Federal atraiu durante anos, pessoas que vinham de outras unidades da Federação em busca de melhores condições de vida. Porém ao longo das décadas, o fluxo de migração dos brasileiros mudou e a capital, que antes acolhia moradores passou a ser apenas o local de trabalho dos que escolheram viver em cidades próximas, preferencialmente na divisa com a capital. Entre as pessoas que migraram para as cidades goianas entre 2000 e 2010, 23%

residiam no Distrito Federal, conforme levantamento do último Censo Demográfico, divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Conforme os índices 417.332 pessoas naturais do Distrito Federal saíram do local de nascimento e residem em outra unidade da Federação. Ao mesmo tempo, o número de pessoas que chegou à capital do país atingiu a marca de 190.422 pessoas e colaborou para a consolidação do índice de 2.570.160 habitantes no Distrito Federal em 2010.

Segundo Paviani, a Região Metropolitana é composta, por pessoas, em sua maioria, com pouco poder aquisitivo que, pelo alto custo de vida da Capital, não conseguem viver em um padrão razoável de vida e acabam, momentaneamente, residindo em regiões periféricas do Distrito Federal. Em sua visão, houve um crescimento desordenado a cidade se alargou sem respeitar limites geopolíticos. Numa metrópole, como neste caso, tem um gigantismo que faz com que as pessoas morem cada vez mais longe dos locais de emprego. Aqui, por exemplo, o Plano Piloto detém 48% dos postos de trabalho e só 9% da população³. Para ele, é preciso mais investimentos e planejamentos de forma comum entre os governos das duas unidades da Federação. Tem-se que pensar nas pessoas e integrar os serviços. Assim ganha o Goiás e ganha o Distrito Federal.

³ Aldo Paviani, geógrafo e especialista em planejamento urbano. Entrevista ao Jornal de Brasília dia 21 de outubro de 2012, em matéria publicada sobre a migração. O D.F antes acolhedor, passou a ser só local de trabalho de quem vive em municípios vizinhos.

Capítulo III

Metodologia

Para essa pesquisa, optamos por construí-la sob um caráter qualitativo, visto que a transformação do espaço geográfico (urbano) de Brasília desde sua construção até os dias de hoje é um tema bastante complexo e necessita de uma abordagem, no contexto que queremos desenvolver, bastante dinâmica.

Como instrumento de pesquisa, utilizaremos a observação participante, análises de protocolos, dados específicos dos anos de 1950 para uma comparação concreta com os dias atuais, assim como fotos, com o intuito de compreender todas as transformações ocorridas no espaço de Brasília, em pelo menos dois eixos, os fatores que aceleraram sua metropolização como a atração exercida em sua construção a milhares de trabalhadores de todo o país, para compreendermos se os ideais de seus fundadores foram alcançados.

Pesquisa bibliográfica em livros, artigos, periódicos, materiais disponíveis na internet e biblioteca, para o referencial teórico da pesquisa em questão;

Como instrumento de análise, utilizaremos a observação participante, análises de protocolos;

Coleta de dados específicos dos anos de 1950 para uma comparação concreta com os dias atuais;

Análise e exposição de fotos que demonstram o crescimento urbano acelerado de Brasília e seus arredores.

Capítulo IV- Resultados e Discussão

4.1A Contribuição do processo migratório no crescimento urbano de Brasília no período de 1950 aos dias atuais

Segundo Vesentini (2007) a geografia é uma ciência humana, que estuda o homem, a sociedade e o espaço com as dimensões que o homem consegue alcançar.

Outra importante percepção com relação à Geografia é que ela nos auxilia a desvendar as relações existentes entre os seres humanos, que se apresentam, nas formas de trabalho, nas desigualdades sociais ou nos costumes diferentes entre os povos.

Nesse sentido podemos ressaltar que o maior índice de urbanização do Centro-Oeste encontra-se no Distrito Federal, onde, de cada 100 habitantes, cerca de 96 vivem em áreas urbanas. Criado para abrigar a cidade de Brasília, a capital do país, o Distrito Federal possui uma área de 5.801,9 quilômetros quadrados. Sua população total encontra-se em torno de dois milhões de habitantes e sua densidade demográfica média é de 353 habitantes por quilômetro quadrado, a mais elevada da região⁴.

Figura: 08 - O Aumento Populacional do Centro- Oeste Brasileiro

Aumento populacional				
Região	1960	2010	Aumento absoluto	Aumento %
N	2.930.005	15.864.454	12.934.449	441
CO	2.678.380	14.058.094	11.379.714	425
SE	31.062.978	80.364.410	49.301.432	159
NE	22.428.873	53.081.950	30.653.077	137
S	11.892.107	27.386.891	15.494.784	130
Brasil	70.992.343	190.755.799	119.763.456	169

Fonte: IBGE, Censos de 1960 e de 2010 (<http://www.sidra.ibge.gov.br/>)

Percebemos que a urbanização do Distrito Federal se caracteriza pela existência de um imenso contraste: de um lado, a imponência arquitetônica dos edifícios

⁴ Fonte IBGE.

administrativos e residências oficiais de Brasília e, de outro, a precariedade das moradias que se localizam na periferia das cidades-satélites.

Foi Milton Santos quem melhor reconheceu o trinômio que envolvia Brasília: sua construção, por “vontade criadora”; a “dualidade” sócio espacial e o “subdesenvolvimento” que discorre sobre a Capital. Essas análises foram assim desenvolvidas por Milton Santos:

(...) O subdesenvolvimento comparece como um elemento de oposição, diante daquela “vontade criadora”, modificando os resultados esperados. Reduz as possibilidades de uma rápida construção da cidade; refletindo-se sobre as atividades principais, explica as demais funções, o quadro, a fisionomia atual, a estrutura e os problemas; e é o responsável pela “dualidade” de Brasília, que tanto a aproxima das demais capitais latino-americanas. Vontade criadora e subdesenvolvimento do país são, pois, os termos que se afrontam na realização efetiva de Brasília. É da sua confrontação que a cidade retira os elementos de sua definição atual”.

Seus idealizadores não imaginavam que o Plano-Piloto e seus arredores se transformariam em uma metrópole em tão pouco tempo, condição hoje de sua estrutura, complexidade funcional e sua massa populacional.

Figura: 09 – O Início da Capital Federal



Federal

Fonte: Arquivo Público do Distrito

Os trabalhadores que participaram de sua construção em fins de 1956 vieram atraídos para os canteiros de obras por salários dobrados. Em 1957 houve um recenseamento feito pelo IBGE que já registrava uma população de 12.700 pessoas. Antes de sua inauguração em 1960, a Capital Federal teve sua população multiplicada por 10, já eram 141.742 habitantes. Toda essa população que a princípio voltaria para

seu estado de origem foi se acomodando nos arredores do Plano Piloto formando as chamadas “invasões”. Os estudos e as observações feitas em geografia demonstram que as populações com menores condições de renda se aglomeram em torno dos grandes centros pela proximidade do local de trabalho sem maiores custos.

Figura 10- Os Trabalhadores da Nova Capital



Fonte: Arquivo Público

do Distrito Federal

Esses aglomerados, que na maioria das vezes, são excluídos do poder público, não possuem condições mínimas favoráveis à sobrevivência humana.

Milton Santos escreve:

Com diferença de grau e de intensidade, todas as cidades brasileiras exibem problemáticas parecidas [...] Em todas elas problemas como emprego, habitação, transportes, lazer, água, esgotos, educação e saúde, são genéricos e revelam enormes carências. Quanto maior a cidade, mais visíveis se tornam as mazelas.

4.10 Futuro do Distrito Federal

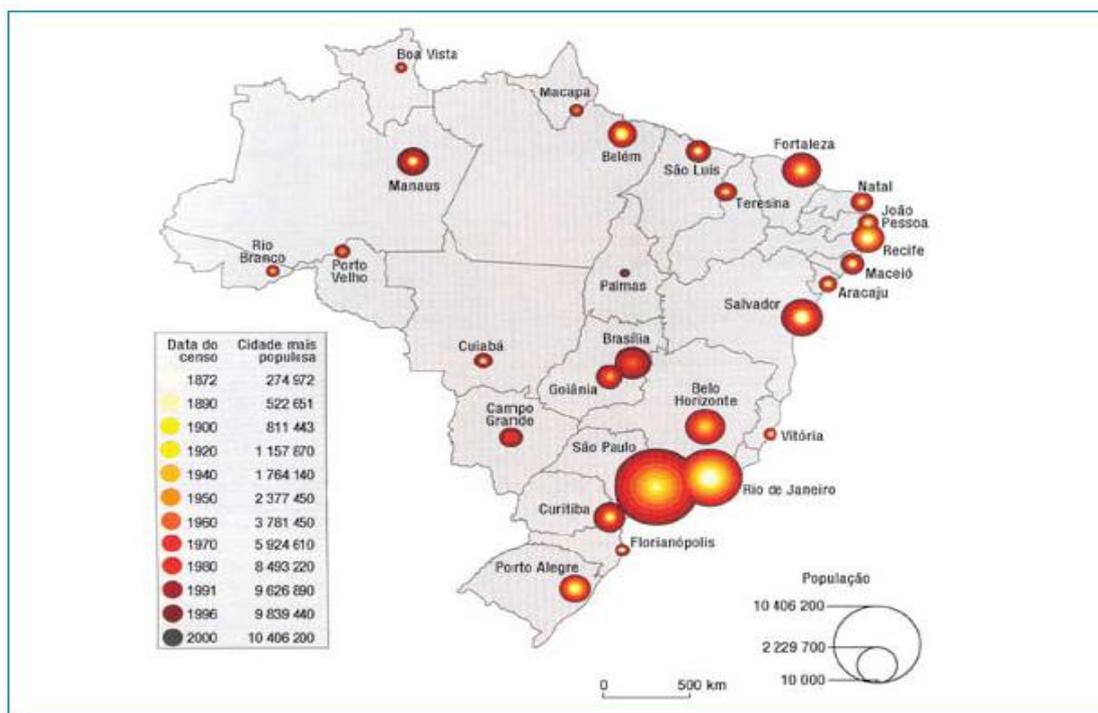
Famoso por ser o berço dos cargos públicos, o Distrito Federal atraiu, durante anos, pessoas que vinham de outras unidades da Federação em busca de melhores condições de vida.

Porém ao longo de décadas, o fluxo de migração dos brasileiros mudou e a capital, que antes acolhia moradores, passou a ser apenas o local de trabalho dos que escolheram viver em cidades próximas, na região metropolitana, de preferência na divisa com a capital federal. Entre as pessoas que migram para as cidades goianas entre 2000 e 2010, 23% residiam no Distrito Federal, conforme levantamento do último Censo Demográfico, divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Sobre região metropolitana Sampaio descreve:

As regiões metropolitanas são aquelas nas quais uma cidade central está interligada a várias outras que dependem dela em transportes e serviços. Normalmente nas áreas metropolitanas ocorre o fenômeno de conturbação, ou seja, as áreas mesclam-se e não é perceptível a separação entre uma cidade e outra. Os limites entre elas não são identificáveis, pois não há zona rural separando-as.

Figura: 11 - Brasília no Espaço das Grandes Metrôpoles Brasileiras



HERVÉ THÉRY e NELI APARECIDA DE MELLO

Adaptado de *Atlas do Brasil: disparidades e dinâmicas do território*. São Paulo: Edusp, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.

A busca por melhores condições de vida e a grande oferta de moradias têm atraído muitos brasileiros para a região metropolitana, tendência das grandes capitais.

Assim Paviani, geógrafo e especialista em planejamento urbano, reconhece que a região metropolitana é composta, em sua maioria por pessoas com pouco poder aquisitivo que, pelo alto custo de vida da capital federal, não consegue se manter em um padrão razoável de vida e acabam, momentaneamente, residindo em regiões periféricas do Distrito Federal. Em sua visão houve um crescimento desordenado. A cidade se alargou sem respeitar os limites geopolíticos. Numa metrópole, como neste caso, tem um gigantismo que faz com que as pessoas morem cada vez mais longe dos locais de emprego. Aqui, por exemplo, o Plano Piloto detém 48% dos postos de trabalho e só 9% da população.

Na opinião da professora do Departamento de Estatística da Universidade de Brasília (UnB), Claudete Ruas⁵, embora não se tenha a comprovação oficial dos motivos da migração, ao longo de anos de estudos observa-se que as pessoas têm a tendência de mudar de estado em busca de novas oportunidades que, às vezes, formam uma rede de migração.

De acordo com a especialista, o processo migratório deve ser enfrentado como um ponto sensível nas políticas das duas unidades da federação envolvidas, principalmente quando a questão são os limites geográficos. Conforme explica, o Distrito Federal e o Goiás possuem questões de ordem política e de desenvolvimento que precisam ser resolvidas para melhorar a qualidade de vida dos migrantes. Seguindo as oportunidades oferecidas em outras localidades, os brasilienses estão seguindo a tendência nacional em que 14,5% da população reside em uma unidade da federação diferente daquela em que nasceu e não migrando, cada vez mais, para as cidades que formam a região metropolitana do Distrito Federal.

⁵ Claudete Ruas; Professora do Departamento de Estatística da UnB, desde 1988. Disciplinas Ministradas: Estatística Exploratória, Estatística Não-Paramétrica, Estatística para Ciências Humanas, Demografia. Doutorado: Demografia, Universidade Estadual de Campinas, em conclusão. Mestrado: Estatística, Universidade de Brasília, 1984. Graduação: Bacharelado em Estatística, Universidade Estadual de Campinas, 1978.

Considerações Finais:

Escolas sucateadas, hospitais que não comportam as demandas de uma população de 2.557.158 de pessoas, segundo dados do IBGE em 2008, não computados os habitantes da área externa ao DF, o chamado entorno com nove municípios e uma população de 862.000 pessoas.

Os governos que se sucederam na condução do Distrito Federal estiveram quase sempre envoltos com a necessidade de resolver questões pontuais. As sucessivas crises políticas contribuíram para isso. Diversos planos foram elaborados como foco nas próximas eleições e não no futuro da capital. Poucos conseguiram deixar um legado de programas capazes de garantir a preservação da qualidade de vida do brasiliense. Não podemos mais dizer que não temos mais engarrafamentos, pouca violência e uma educação de excelência e que o transporte público e a saúde funcionam com qualidade.

Longe dos pensamentos de seus idealizadores e muito próxima dos grandes centros metropolitanos mundiais, com suas terríveis desigualdades sociais e graves problemas estruturais.

Para Mendes:

A cidadania se torna menor do que sua percepção. O cidadão pretende transcender o seu espaço primitivo. Todavia, o mundo, expresso desigualmente não tem como regular os lugares em suas diversidades e, por consequência, a cidadania se faz menor.

Acreditava-se que Brasília, no ano 2000, teria menos de meio milhão de habitantes. Não teria cidades-satélites, nem “entornos”, e proporcionaria a integração social dos seus moradores nas famosas superquadras, onde diretores e contínuos, funcionários e motoristas, ministros e ascensoristas conviveriam harmonicamente. Entre a utopia que norteou a sua construção e os dias de hoje, em que Brasília já mostra sinais

evidentes de caos urbano, a distância se explica pelas próprias características do processo social brasileiro.

O Distrito Federal tem hoje quase três milhões de habitantes. A economia se transformou, temos um comércio pujante e um setor de serviços consolidado, e uma indústria mais avançada. Isso é muito positivo, mas também o desenvolvimento econômico necessita ser sustentável, com geração contínua de emprego e renda.

Nesse sentido observamos que, mesmo aos cinquenta e dois anos, o Plano Piloto, ainda tem sua identidade associada a migrantes. Prova disso é que o avião traçado por Lúcio Costa é a região com menor porcentagem de nascidos no Distrito Federal. Somente 35,4% dos 209.926 habitantes têm em seus documentos o Distrito Federal como naturalidade. Em outras cidades como Brazlândia e Gama, a quantidade de brasilienses ultrapassa 55% da população. A média do Distrito Federal é de 48,1% dos habitantes nascidos aqui. Os dados são da Pesquisa Distrital por Amostras de Domicílio (Pdad), feita pela Companhia de Planejamento do Distrito Federal (Codeplan).

A explicação está no fato de o Plano Piloto ser uma das regiões mais antigas do Distrito Federal. Os novos habitantes chegaram à capital e se instalaram nesse local nos primeiros anos da cidade.

Paviani⁶ analisa que os migrantes chegaram e se instalaram. Segundo a Codeplan, mais de 44% dos moradores do Plano Piloto vieram antes da década de 1990. Isso explicaria o alto índice de idosos no Plano- 21,9% da população, quase o triplo da média do Distrito Federal, de 7,4%- e a pequena quantidade de crianças e adolescentes, que somam apenas 12,4% dos habitantes, contra 25,5% da média do Distrito Federal. Em outros locais, como a Estrutural, esse número chega a 35,2%. Conforme figura 11 em anexo.

Segundo os especialistas, o Plano tem menos crianças porque os filhos dos pioneiros, devido ao alto valor dos imóveis e da pouca oferta na região central, acabam formando as famílias em outros locais, como, por exemplo, Águas Claras. Nesta região o aumento populacional chega a 20,8%, o maior do Distrito Federal nos últimos anos. Os filhos e netos dos pioneiros de Brasília vão morar nos lugares com infraestrutura nova a preços acessíveis, analisa Paviani.

⁶ Reportagem concedida ao Correio Brasiliense de 26 de novembro de 2012.

Enquanto Águas Claras não para de crescer, o Cruzeiro apresentou leve queda no número de moradores 1,7%. Nesse caso, dois fenômenos distintos podem explicar essa retração: pessoas com maior poder aquisitivo indo para outras regiões ou moradores antigos que estão saindo porque não conseguem pagar os preços altos do centro de Brasília.

Longe de garantir a integração social dos seus moradores, como sonhavam os fundadores, Brasília apresenta, cinco décadas depois da sua inauguração, os piores índices de concentração de renda do país. Contínuos, motoristas e ascensoristas foram devidamente tocados para as cidades-satélites ou para o Entorno, conjunto de cidades goianas paupérrimas que cercam o Distrito Federal.

A especulação imobiliária, as invasões e os loteamentos clandestinos campeiam, com o beneplácito das autoridades. Nas famosas superquadras moram as classes médias brasilienses e uma pequena parte das elites, estas, sobretudo, nas superquadras mais nobres. A maior parte das elites vive nos palacetes e mansões dos Lagos Sule Norte. A divisão de classes de Brasília encontrou na distribuição do espaço urbano a sua mais completa tradução.

Referências Bibliográficas

MENDES, D.; **Resenha sobre o livro: Santos, Milton. Por uma outra Globalização- do pensamento único à consciência universal**; Revista Política Democrática; Brasília; Ano 1; n.2, p.191-197;2001.

PAVIANI, A. Brasília (1989): **A Metrópole em Crise. Brasília**, Ed. UnB, 1989.

PAVIANI, A. (1999):“**Gestão do território com exclusão socioespacial**”, In Paviani, Aldo (org.) Brasília – Gestão Urbana: Conflitos e Cidadania. Brasília, Ed. UnB.

SANTOS, M. **A Cidade nos Países Subdesenvolvidos**. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira.

SANTOS, M; **Por uma outra globalização- do pensamento único à consciência universal**; São Paulo; 2000.

SANTOS, M; **A Natureza do Espaço. Razão e Emoção**; Editora Hucitec; São Paulo; 1996; p.51.

VESENTINI,W.J; **O espaço Natural e a Ação Humana**; Editora Ática; São Paulo; 2007; p.10.

CAIADO, M. C. S. **A Migração Intrametropolitana e o Processo de Estruturação do Espaço urbano na Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e do Entorno**. In: HOGAN, D.*et al.* (Org.). **Migração e Ambiente nas Aglomerações Urbanas**. Campinas: Núcleo de Estudos de População – NEPO/UNICAMP, 2001.

FERREIRA, Inez Costa Barbosa; Artigo: **As Categorias da Análise Geográfica Aplicadas ao Ensino da Geografia**. Pesquisadora Associada da Universidade de Brasília. NEUR/CEAM. 2007

CARVALHO, Marcos Bernardino de;**GEOGRAFIAS DO MUNDO**. 1ª edição. Editora FTD. São Paulo. 2006. p.64.

BOLIGIAN, Levon; **Geografia Espaço e Vivência. A organização do Espaço Brasileiro.** 1ª edição. Editora Atual. São Paulo. 2001. p. 77

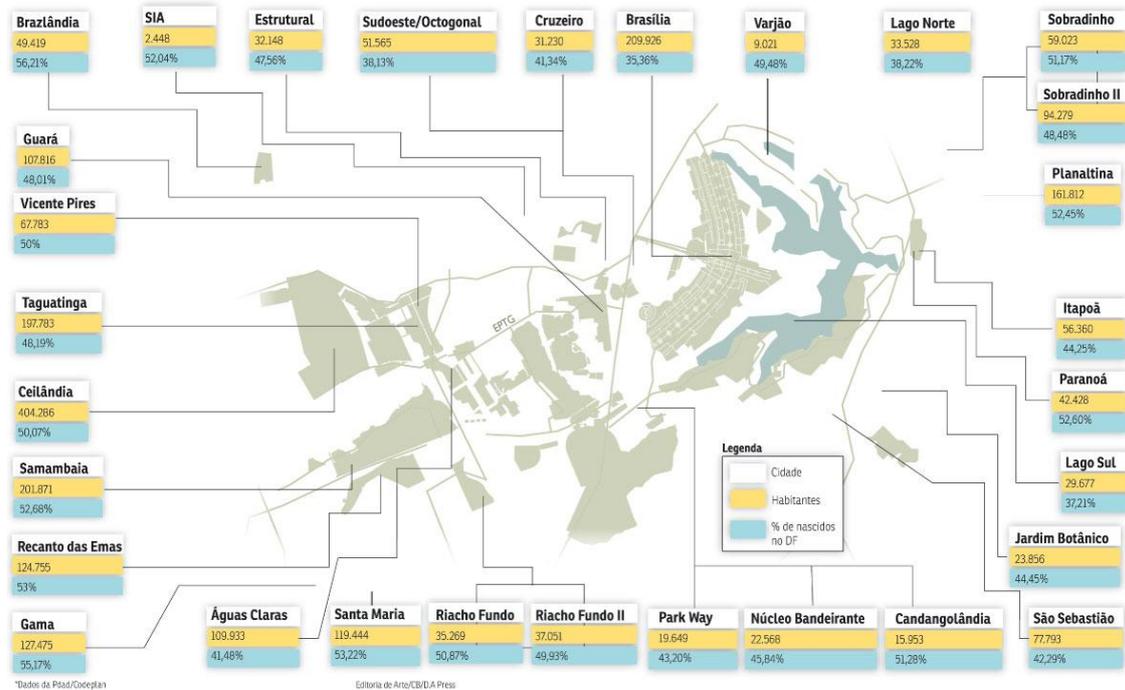
PACHECO, C.A.; PATARRA, N.L; **Movimentos migratórios nos anos 80: novos padrões? Migração, condição de vida e dinâmica urbana:**São Paulo 1980-1993. Campinas: Unicamp, 1997

SAMPAIO, Fernando dos Santos e MEDEIROS, Marlon Clóvis; **GEOGRAFIA: Para viver Juntos.** 1ª edição. Editora SM. São Paulo. 2009. p. 161.

Anexos

Figura: 11

Naturalidade



Fonte: Pdad/Codeplan